



***À beira do Mondego
plantado: O vasilho
Proto-Histórico da
Ereira (Montemor-o-
Velho)***

Flávio Imperial | Câmara Municipal de Montemor-o-Velho |
fimp_3@hotmail.com | Sara Almeida | CEAACP -
Universidade de Coimbra | sara_almeida11@hotmail.com

Não raras vezes, surpreendem-nos vestígios arqueológicos inesperados. A sua natureza inusitada, ou mesmo insólita, obriga-nos a traçar cenários simultaneamente ousados, frágeis e forçosamente especulativos. É esse o caso da peça que aqui se apresenta, encontrada em 2006, por um dos signatários (F.I.), no decurso do acompanhamento arqueológico do desmantelamento de uma eira sobranceira ao cemitério da aldeia da Ereira, no coração do Baixo-Mondego.

Neste contexto concreto, a paisagem é mais do que um detalhe. É a chave para formular uma interpretação plausível da descoberta. De natureza estuarina, esta unidade geográfica é extremamente dinâmica e sofreu profundas transformações ao longo do Quaternário e particularmente nos últimos três mil anos. O estudo da paleopaisagem do I milénio a.C. revela um estuário mais amplo e aberto, ainda que sujeito a um estrangulamento natural em Reveles – zona estrategicamente controlada pela elevação da Senhora do Ò – desaguardo num vasto mar interior. Este espaço oferecia condições propícias de abrigo à navegação marítima e fluvial, bem como ao estabelecimento de redes de trocas e contactos, naturalmente secundadas, na I Idade do Ferro pela criação de enclaves de carácter mercantil e colonial (Fig. 1).

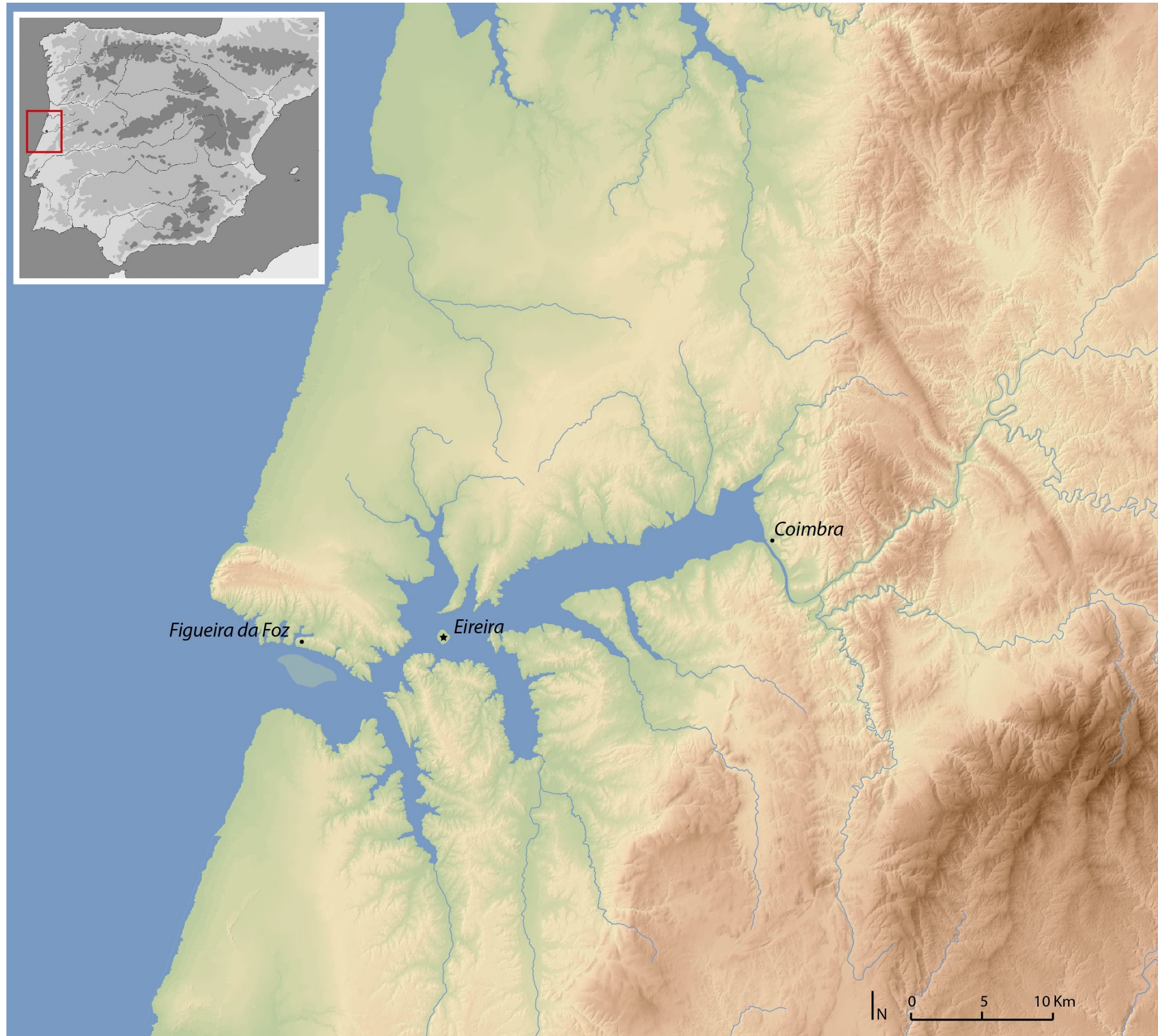


Fig. 1 – Localização da ilha da Ereira no estuário do Mondego no I milénio a.C. (imagem realizada por Pietro Mack em QGis).

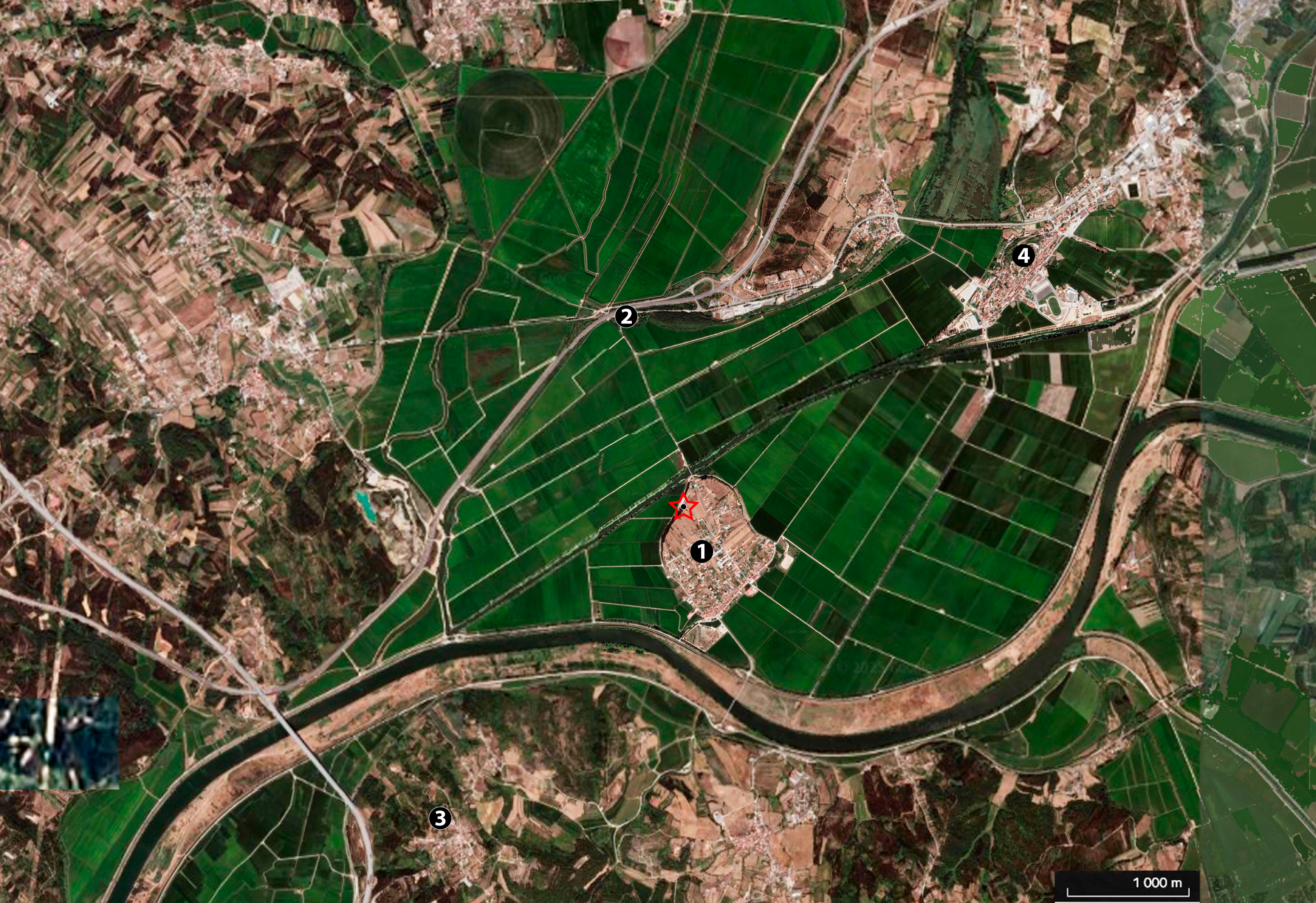


Fig. 2 – Imagem de satélite de 2015 (fonte *Google Earth*) com localização do local do achado (estrela), da Ereira (1), Santa Olaia (2), Igreja da Senhora do Ó (3) e Montemor-o-Velho (4).

Durante o período proto-histórico, as margens deste corpo de água eram pontuadas por estações arqueológicas de grande relevância. Do Bronze-Final destaca-se, pela proximidade, a ocupação ainda mal conhecida de Montemor-o-Velho (Coffyn 1985), enquanto da Idade do Ferro sobressai o emblemático estabelecimento fenício de Santa Olaia (síntese bibliográfica em Almeida e Vilaça 2020). No centro desta bacia emergia então uma ilha, baixa e aplanada, que assinalava a primeira etapa de penetração do rio (Wachsmann *et al.* 2009). A fossilização desta antiga insularidade é ainda hoje perceptível, envolvida pelos actuais campos de cultivo de arroz do Mondego (Fig. 2).

O ponto onde se registou o achado situa-se precisamente na margem noroeste do antigo ilhote, na linha de entrada do curso fluvial, a uma cota de 14 metros de altura e a cerca de 15 metros da antiga linha de costa.

Sob uma laje da eira foi identificado, fragmentado, um pequeno vaso em cerâmica manual de boa qualidade, com superfícies polidas. Apresenta 8,4 cm de altura, 8 cm de abertura e 9,7 cm de largura máxima (Fig. 3). As suas características morfo-tecnológicas permitem situá-lo, com razoável probabilidade, nos finais da Idade do Bronze, sem excluir por completo uma possível atribuição à I Idade do Ferro.

Não se encontraram quaisquer outros vestígios arqueológicos nas imediações, o que justifica a classificação da peça como achado isolado – uma ocorrência inédita nesta região. A generalidade dos depósitos arqueológicos de finais da Idade do Bronze, conhecidos neste território e não associados a povoados ou necrópoles, envolve artefactos metálicos (tais como machados, pontas de lança, foices, entre outros), frequentemente encontrados em conexão com linhas de água (Vilaça 2008). Desconhecem-se, contudo, deposições análogas envolvendo exclusivamente cerâmica nesta região.

Na ausência de indícios que permitam associar o artefacto a contexto habitacional ou funerário – o que seria mais comum –

a hipótese de se tratar de uma deposição de carácter votivo surge como a principal via interpretativa.

A natureza liminar do achado (próxima da linha de água), localizado numa antiga ilha sem outros vestígios de ocupação contemporânea, no trajecto de penetração do rio, sob o olhar dominante da elevação da Senhora do Ó, e a escassos 1, 5 Km de Santa Olaia e 2, 5 Km de Montemor-o-Velho reforçam esta leitura. Dadas as circunstâncias, pode conceber-se a ilha da Ereira como uma unidade de paisagem singular e dotada de valor simbólico no universo das comunidades proto-históricas do Baixo Mondego: um espaço de transição, de contacto e de passagem, propício à consagração de votos e oferendas.

Este pequeno ilhote, isolado e estrategicamente situado, poderá assim ter funcionado como antecâmara de contactos e interacções, no cumprimento de protocolos rituais partilhados e expectáveis para esta época, assinalando a passagem de quem chega buscando favor e protecção... e de quem parte buscando bons auspícios.



0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 cm

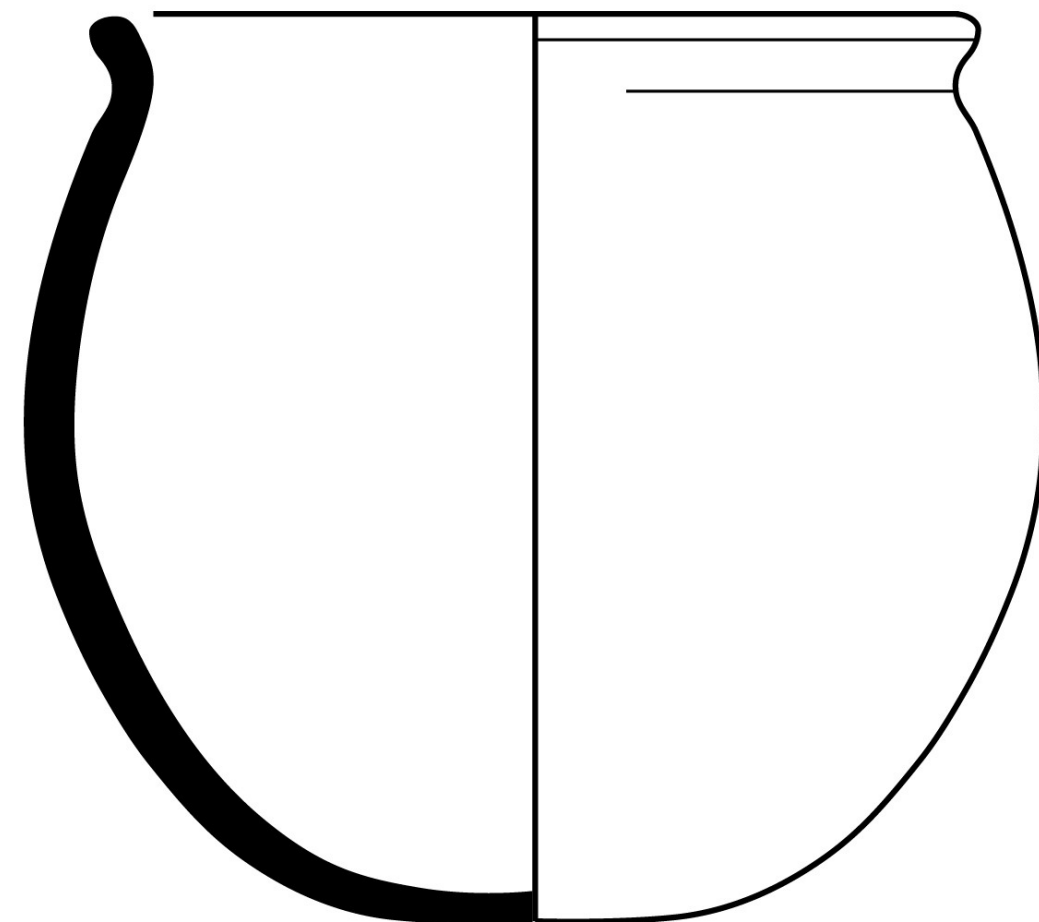


Fig. 3 – Fotografia e desenho do vaso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S., VILAÇA, R. (2020). Santa Olaia – a centre of Phoenician influence in River Mondego (Portugal). Assessment and expectations. In S. Celestino Pérez e E. Rodríguez González (eds.) *Un viaje entre el Oriente y el Occidente del Mediterráneo. Actas del IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Mérida, 2018)*. Mytra 5. Mérida. pp. 1495-1504.

COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Peninsula Ibérique*. Paris : Diffusion de Boccard.

VILAÇA, R. (2008). No rasto do Bronze Final do Centro-Sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos. In Callapez, P. M. (ed.) *A terra: conflitos e ordem: homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, pp. 75-88.

WACHSMANN, S.; DUNN, R.K.; HALE, J.R.; HOHLFELDER, R.L.; CONYERS, L.B.; ERNENWEIN, E. G.; SHEETS, P.; BLOT, M.L.P.; CASTRO, F.; DAVIS, D. (2009). Paleo-environmental contexts of Phoenician anchorages, Portugal. *The International Journal of Nautical Archaeology*. 38 (2): 221-253.

